



As ferramentas narrativas na obra do jornalista Rodolfo Walsh: o resgate comprometido de fatos políticos na Argentina¹

Laura COUTINHO²
Reges SCHWAAB³

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

Resumo

O presente artigo aborda alguns aspectos do trabalho do jornalista argentino Rodolfo Walsh nas obras *¿Quién mató a Rosendo?* e *Caso Satanowsky*. Entendemos que Walsh trabalhou o jornalismo de não ficção na perspectiva de um compromisso social, formando uma vertente diferenciada, aqui chamada jornalismo literário comprometido. O jornalismo literário permite olhar muito de perto os fatos e abordá-los detalhadamente. Trata-se de um recorte de pesquisa em andamento sobre elementos narrativos da escrita de Rodolfo Walsh como ferramenta de resgate de fatos históricos e políticos de relevância social na Argentina.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Narrativa; Rodolfo Walsh; História.

Introdução

O jornalista Rodolfo Walsh é conhecido na Argentina como um dos principais escritores do país, não só pela qualidade de seu texto, mas sobretudo pelas temáticas de suas produções. Por textos que abordavam desde crimes mal esclarecidos até governos militares que Walsh até hoje é estudado na Argentina.

Rodolfo Walsh apresentou-se primeiro como um literato que tinha preferência pelo relato policial. Publicou contos e livros de narrativa policial, com direito a ficções repletas de suspense, investigações e crimes a serem desvendados. Mas o argentino não percorreu somente o caminho da literatura, também atuou no campo do jornalismo, e não parou por aí, acabou por mesclar os dois campos. Entretanto Rodolfo Walsh não trabalhou somente com a mistura estética entre jornalismo e literatura, sua maior característica é o posicionamento dele como investigador de acontecimentos político-sociais que ocorreram em seu país.

Walsh escolheu uma posição, se afastou de uma pretensa objetividade jornalística regrada em prol de um relato rico em detalhes que visava retomar fatos verídicos sobre uma Argentina que ele via e que muitos ignoravam, por interesse ou por

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2014.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/FW, email: lau_cou@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSM/FW, email: reges.ts@gmail.com



obrigação. Walsh alavancou assim o que estudamos e chamamos no presente trabalho de “Jornalismo Literário Comprometido” (AMAR SANCHEZ, 1986, p. 434).

A importância de Walsh para o âmbito jornalístico é pouco lembrada, principalmente em países que não falam a língua espanhola. No Brasil, por exemplo, apenas um de seus três livros-reportagem foi traduzido para o português e publicado no país, o que limita o acesso do público brasileiro ao autor⁴.

Essa dificuldade em acessar um dos mais importantes jornalistas argentinos que faz essa pesquisa tão necessária para o estudo do jornalismo. A proposta de analisar os livros-reportagem de Walsh, *¿Quién mató a Rosendo?* e *Caso Satanowsky*, buscando perceber como ele trabalha os elementos narrativos, Tempo, Ambiente, Narrador e Personagens, como isso característica um *modus operandi* característico do argentino e de seu jornalismo comprometido.

A pesquisa ainda está em andamento, por isso, oferecemos neste artigo um recorte dos resultados obtidos até agora por meio da análise sobre o texto do jornalista argentino sob o viés de dois recursos narrativos fundamentais: o ambiente e o narrador. Cabe afirmar que Walsh possui sim um método de escrita padrão, que abrange o texto de ambas as obras, possibilitando assim a percepção do uso elementos narrativos característicos do jornalismo comprometido de Walsh. A seguir oferecemos o que foi alcançado até o momento.

1 A Argentina de Rodolfo Walsh

O jornalista Rodolfo Walsh nasceu em nove de janeiro de 1927, em Choele Choel, cidade argentina conhecida atualmente como Lamarque. Descendente de irlandeses, estudou em escolas financiadas por uma congregação da Irlanda que ajudava descendentes que não tinham condições de arcar com as despesas dos estudos. Walsh tentou seguir a ordem escolar padrão. Ao terminar o ensino médio, iniciou seus estudos no curso de Letras da Universidade de La Plata, entretanto, após dois anos abandonou a faculdade para vivenciar experiências reais, como pedreiro, funcionário de frigorífico e até limpador de janelas.

⁴ Lembro da primeira vez em que ouvi o nome Rodolfo Walsh, foi em uma aula de *Movimentos Estéticos e Cultura Argentina*, disciplina cursada no intercâmbio que realizei para a Escuela de Ciencias de la Información da Universidad Nacional de Córdoba, em Córdoba na Argentina. Isso me leva a crer que tive acesso ao autor, de forma detalhada e contextualizada, em função do intercâmbio. Não descarto a possibilidade de ter conhecido aqui no Brasil o trabalho de Walsh, mas posso afirmar que pouco interesse desenvolveria por suas produções, principalmente pela falta de contextualização.



O argentino, que sempre gostou de escrever, não demorou muito para conseguir um emprego na revista *Hachette*, a qual serviu de vitrine para Walsh disseminar seu texto. Assim, outros veículos se interessaram por seu trabalho, principalmente nas produções de gênero policial.

Em pleno processo de reconstrução nacional⁵, em 1944 começou a trabalhar como revisor e tradutor do editorial *Hachette*, e já em 1951 seguiu o trabalho que revolucionaria com sua caneta: o jornalismo. Começou nas revistas *Leoplán* e *Vea y Lea*. Nessa década, o jornal *La Nación*⁶ procurou Walsh para que ele incorporasse a linha de editores do jornal, mas o jornalista se negou por considerar o jornal um órgão de imprensa da oligarquia nacional. (MARTIN, 2004, p.1, tradução nossa⁷, grifo nosso)

Enquanto Walsh construía a carreira de escritor, os Estados Unidos travavam uma luta ideológica contra a União Soviética. Com a possibilidade de o comunismo colocar em risco o domínio dos estadunidenses dentro de seu próprio continente, o país nunca deixava de acompanhar o que ocorria nos países da América Latina. Coelho (2010, p. 173) afirma que a partir disso eles passaram a interferir de forma mais intensa nos processos políticos dos países da América do Sul, promovendo a ascensão de governos militares.

E foi numa Argentina dominada pelo sentimento populista promovido pelo então presidente argentino Juan Domingo Perón que os militares, “incentivados pelos Estados Unidos” (LAUFER; RAPOPORT, 2000, p. 1), iniciaram a busca pelo que chamavam de reestruturação do país e visando refrear os movimentos subversivos e comunistas.

Juan Domingo Perón foi um dos mais estimados presidentes argentinos. Famoso por sua política voltada para o setor popular, Perón foi idolatrado por diversas camadas da sociedade argentina, principalmente pelos sindicalistas, por ter criado diversos benefícios para os trabalhadores até então ignorados pelos governantes. Entretanto os militares não apoiavam a postura de Perón, e em setembro de 1955, no terceiro ano do segundo mandato de Perón, os militares realizaram um golpe, tomando o poder da Argentina⁸.

⁵ Nesta citação a expressão “reconstrução nacional” remete a época em que o político Juan Domingues Perón, juntamente com o militar Edelmiro Julián Farrell, afastaram o ditador Pedro Pablo Ramírez da presidência, assumindo Farrell como presidente e Perón como seu vice. Assim eles tomaram medidas para redemocratizar a Argentina e por fim em mais um governo militar.

⁶ Um dos maiores jornais argentinos

⁷ En pleno proceso de reconstrucción nacional, en 1944 comenzó a trabajar como corrector, traductor y antólogo de la editorial Hachette, y ya en 1951 ingresó en el oficio que revolucionaría con su pluma: el periodismo. Comenzó en las revistas *Leoplán* y *Vea y Lea*. En esa década, el diario *La Nación* lo buscó para incorporarlo a sus filas de redactores, pero Walsh se negó por bien considerarlo un órgano de prensa de la oligarquía nacional.

⁸ Informações extraídas da biografia do ex-presidente argentino Juan Domingo Perón, realizada pelo Instituto Nacional Juan Domingo Perón, disponível no site: <http://www.jdperon.gov.ar/material/biografiaperon.html>



Diversos movimentos pró-Perón começaram a se organizar e formular possíveis revoltas contra o governo militar que havia deposto seu líder. Até que em 9 de junho de 1956 um grupo armado realiza um levante, mas logo após o início do movimento os militares controlaram a situação conforme relembra Adoue (2008, p. 37). Entretanto, naquela noite, um grupo de civis foi capturado e condenado ao fuzilamento, sob a justificativa de que estariam envolvidos no levante.

Meses depois desse fato, chega até Rodolfo Walsh a informação: “há um fuzilado que vive!”. A afirmação mudaria a produção literária de Rodolfo Walsh para sempre. Logo após tomar conhecimento do fato, o jornalista descobriu que o tal sobrevivente era Juan Carlos Livraga, e assim como ele, outros haviam sobrevivido ao massacre. Foi assim que Walsh iniciou seu primeiro livro nos moldes de jornalismo literário, *Operação Massacre* (1957), que antes de editado no formato de livro, foi publicado como uma matéria em um pequeno jornal sindical, enquanto os grandes jornais ignoravam o fato, ou nas palavras do jornalista “tiravam o corpo fora”.

Não foi por acaso que *Operação Massacre* se tornou sua obra mais famosa, pois traz como um dos personagens principais um “morto” que fala, um homem considerado morto pelos militares que o fuzilaram, mas que por sorte sobreviveu. No livro, Walsh (2010, p. 84) indica que o fuzilamento ocorreu de forma ilegal, pois a lei marcial ainda não vigorava no país, mesmo tendo sido anunciada na madrugada do dia 10 de junho de 1956 nas rádios argentinas ela só entraria em vigor 24 horas após o anúncio. Sendo assim, a ação dos militares naquela madrugada se enquadraria como crime.

O livro reúne entrevistas com as vítimas, documentos oficiais, relatos sobre o ocorrido e depoimentos de processos jurídicos sobre a fatídica noite do levante e da ação ilegal dos militares, essa apuração durou mais de um ano e meio. Mesmo após a publicação, Walsh continuou incorporando novos elementos que foram aparecendo sobre o fato nas edições seguintes.

Walsh, que já havia se posicionado contra Perón passou a analisar em suas obras a importância do fenômeno peronismo nos âmbitos sociais, políticos e ideológicos da Argentina. Nesse momento o jornalista passou a integrar as *Fuerzas Armadas Peronistas* uma organização guerrilheira sem ligação ao sindicalismo e ao partido peronista e outra organização conhecida como *Montoneros*, que lutava pela retomada da democracia e da liberdade na Argentina.

Em seus trabalhos, durante 1950, Walsh configurava e antecipava o perfil da Vanguarda Argentina, que ocorreria somente dez anos mais tarde, e de seus intelectuais



que tinham compromisso com o “seu tempo” e com o sentimento latino-americano, que estudavam o peronismo, e que acreditavam na arte como um meio para compreender a política.

O nome de Walsh está ligado a dois momentos chave desse processo. O primeiro é a Operação Massacre em 1956, quando a militância popular – ainda carente da experiência que adquiriria em muitos anos de resistência - foi surpreendida pela feroz resposta dos fuziladores. O segundo e último, vinte anos depois, quando a vitória popular de 1973 que havia terminado com a proscrição do peronismo revela seu caráter efêmero e se impõe uma ditadura mais criminal do que tudo conhecido pelo país até então. A Carta resume os sentimentos de indignação e assombro que necessariamente provoca a situação, mas fornece as razões que permitem entender que a irrupção dos genocidas não veio do céu. No contexto da política de segurança nacional que os Estados Unidos impuseram a todo o continente, a tarefa dos militares contou com a cooperação do pior da sociedade argentina. (JOZAMI, 2010, p. 5).

O escritor foi um dos principais jornalistas a divulgar as atrocidades cometidas pelos militares, principalmente após a queda de Perón em 1956 e depois do golpe que afastou a presidente Isabel Perón (a segunda mulher de Juan Perón) em 1976 e instalou a pior ditadura militar que a Argentina já teve. Rodolfo Walsh desapareceu no dia 25 de Março de 1977, um dia após publicar uma Carta Aberta em que registrava seu repúdio à Junta Militar e a todos os horrores que os militares haviam cometido contra o povo argentino.

2 Livros-reportagem de Rodolfo Walsh

Rodolfo Walsh buscou reunir duas de suas funções: a de jornalista e a de escritor. Ao unir o jornalismo e a literatura, Walsh experimentou o relato diferenciado dos fatos que considerava necessários para a compreensão do momento e da situação da sociedade argentina. Resende (2002, p. 19) explica que ao repensar o discurso jornalístico e o literário, a partir da aproximação desses atos de fala, legitimamos os lugares híbridos nos quais eles se inscrevem.

Ao mesclar sua experiência jornalística, como apuração e entrevista de fontes, com sua prática no âmbito da literatura policial, como a construção de personagens e a formulação de enredo, Walsh investigou fatos pouco conhecidos ou duvidosos da época em que viveu. Em suas produções de não ficção ele buscava informar o povo, lidar com algo que ia além do fato, trabalhar uma causa de relevância social.

Além de *Operação Massacre* Rodolfo Walsh escreveu mais dois livros reportagem, sendo eles, *¿Quién mató a Rosendo?* (1968) e *O caso Satanowsky* (1973). *¿Quién mató a Rosendo?* relata a história por trás do assassinato do sindicalista



Rosendo García por dirigentes da *Unión Obrera Metalúrgica*, um sindicato peronista, fato superficial que Walsh utiliza para analisar o drama pelo qual passava o sindicalismo peronista na Argentina a partir da queda de Perón em 1955. Assim como a obra citada no parágrafo anterior, Rodolfo Walsh baseia a reconstrução dos fatos nos relatos dos que sobreviveram ao tiroteio que tirou a vida de Rosendo e nos documentos oficiais relacionados ao que aconteceu.

E no livro *Caso Satanowsky* (1973) Walsh investiga o assassinato de Marcos Satanowsky, ocorrido em Buenos Aires em 13 de Junho de 1957, durante o processo iniciado pelos militares em que Satanowsky defendia Peralta Ramos, acusado de vender as ações do jornal *La Razón* que teriam sido repassadas posteriormente a Eva Perón (a primeira mulher de Juan Perón).

O jornalista escreveu o livro sobre Satanowsky antes da obra *¿Quién mató a Rosendo?* e foi na revista argentina *Mayoría* que Walsh publicou as notas sobre o caso, entre junho e dezembro de 1958. As vinte e oito notas deram origem ao livro em 1973, que foi reeditado logo na década de 80.

O conjunto formado por essas três obras contribuem para o estudo da atuação do jornalista no desvendamento da história, além de fomentar a discussão sobre o jornalismo literário comprometido, ou seja, aquele jornalismo que utiliza da estrutura narrativa literária para explorar temas de relevância social e política.

3 Critérios de análise

Com base em teóricos sobre Rodolfo Walsh abordo o conceito de jornalismo literário comprometido e o relaciono à atuação de Rodolfo Walsh como jornalista. E para fomentar essa discussão observo como são trabalhados determinados elementos narrativos nas obras de Walsh para resgate de acontecimentos históricos.

Para orientar a leitura e análise das duas obras de Walsh aqui trabalhadas, *¿Quién mató a Rosendo?* e *Caso Satanowsky*, foram selecionados quatro elementos narrativos fundamentais para caracterizar o *modus operandi* de Walsh de acordo com o objetivo desta pesquisa: Tempo, Ambiente, Narrador e Personagens. Para efeitos do presente trabalho serão considerados somente os seguintes recursos narrativos:

- a) Ambiente: em nossa pesquisa utilizaremos a noção de ambiente conforme define Gancho (1991, p. 14):



[...] espaço⁹ carregado de características socioeconômicas, morais psicológicas, em que vivem os personagens. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um clima. Clima é o conjunto de determinantes que cercam os personagens.

Deve-se considerar o cenário histórico e político no qual se encontrava a Argentina da época, e a conjuntura social relacionada aos sujeitos pertencentes às tramas, para compreender o contexto das obras. Segundo Benetti (2008, p. 108) “o fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais”.

b) Narrador: É nesse elemento que percebemos como se dá a presença de Walsh (jornalista) no texto. Assim sendo, para analisar a presença do jornalista argentino em seu texto analisamos a função, a imersão, o posicionamento e a perspectiva adotados por ele como narrador e como isso molda a construção do discurso e o desenrolar dos fatos.

Ao observar como estão relacionados os elementos narrativos (ambiente e narrador) nas obras de Walsh constatamos como eles foram utilizados e estruturados no texto para efetuar o relato histórico dos fatos incógnitos que servem de tema para os livros. E por fim, concluímos sobre a relevância da atuação de Walsh para o esclarecimento desses fatos, os quais envolvem os âmbitos político e social da Argentina.

4 Breve passeio pelo jornalismo de Walsh

4.1 Jornalismo Literário Comprometido

O Jornalismo Literário (JL) é conhecido por ser um relato aprofundado, pois vai além do *lead* e transcende as fronteiras entre o factual e o ficcional. Pode-se afirmar que é a união da produção jornalística com as ferramentas de construção narrativa da literatura, estrutura que visa oferecer ao público fatos reais bem detalhados.

A vertente mais difundida do JL ficou conhecida como *New Journalism*, que visava suprir a falta de abordagem de temas factuais por parte da literatura nos Estados Unidos nos década de 1960. Nesse contexto, um grupo de jornalistas pressionados por tecnologias que colocavam à prova o modelo impresso, e com interesse em repensar um jornalismo que há anos se estruturava basicamente no *lead*, se viu envolvido na criação de um movimento ousado, que reunia jornalismo e literatura.

New journalism foi mais uma atitude que ocorreu na fluência de uma prática textual desenvolvida mais especificamente em algumas revistas e jornais norte-

⁹ Local/ lugar físico no qual ocorre a ação, o fato narrado.



americanos, que inicialmente era chamada de reportagens especiais, publicada por jornalistas como Tom Wolfe, Gay Talese [...] (RITTER, 2011, p. 9).

A fusão entre jornalismo e literatura possui duas principais características referentes à etapa de produção: a captação de informações, como a apuração dos fatos, e a redação do texto, valendo-se de recursos literários referentes à construção de narrativas. Quanto à apuração, jornalistas praticavam a imersão no ambiente no qual se desenrolavam os fatos, além da busca pela aproximação e interação para com os personagens com o fim de captar gestos, ações, características específicas garantindo ao texto mais riqueza de detalhes, ou seja, mais informação.

Em relação à produção do texto em si, os jornalistas buscavam produzir reportagens que contassem as histórias com profundidade, se valendo da licença poética da literatura para deixá-las mais atraentes ao leitor, usando da subjetividade para promover a criatividade no jornalismo. O uso dessa subjetividade e a busca por um texto de fôlego afrontavam a dimensão comercial do jornalismo tradicional, “crítica que encontra sua expressão no experimento estético, carregando o texto jornalístico de referencialidade num movimento oposto a um investimento no conteúdo” (DEMÉTRIO, 2007, p. 82).

São várias as técnicas utilizadas no JL, como a apuração bem fundamentada baseada em entrevistas, coleta de dados sobre os personagens e o(s) fato(s), pesquisa etnográfica e outros, que possibilitará a reconstrução das histórias (que geralmente passam em cenas urbanas, relacionadas ao tempo contemporâneo do autor, com personagens representativos), as quais serão produzidas com intensidade e densidade, além de mostrar os bastidores da notícia do fato noticioso que deu origem ao produto jornalístico literário. Para Pessa (2009, p. 5) é possível elencar as quatro técnicas mais utilizadas no JL:

1. Ponto de vista: centralização da narrativa sob a perspectiva de um dos personagens, incluindo o narrador, que de forma mais intensa conduz ao fluxo de consciência [...]
2. Símbolos do status de vida ou do cotidiano: elementos como gestos, hábitos, vestuários, pertences, objetos, decorações, ambientes, enfim, tudo que sirva para ajudar a captar a realidade dos personagens e cenários relatados, situando-os junto ao leitor;
3. Diálogos: devem ser soltos, envolventes, de modo mais natural possível [...]
4. Construção cena-a-cena: recurso que dinamiza o acontecimento, [...] numa sequência de ações que permite ao leitor acompanhar o encadeamento dos fatos a medida em que eles se desenvolvem.

É com essas características textuais que surge e se dissemina o *New Journalism*. Entretanto, nove anos antes da publicação de *A Sangue Frio* (1966) por Truman Capote, o argentino Rodolfo Walsh publicava seu primeiro livro nos moldes do JL, era



Operação Massacre (1957). Além disso, algo a mais diferenciava a produção de Walsh da produção dos “novos jornalistas” (que buscavam principalmente a liberdade estético-criativa): a presença de uma causa social, de um compromisso.

[...] a produção de Rodolfo Walsh se insere em um projeto muito mais amplo que o estritamente literário de construir uma classe de romance como resposta alternativa a um realismo já desgastado; compreende planos tão abrangentes, tais como a função do intelectual nos países latino-americanos, a relação que une a prática literária com a política... (AMAR SANCHEZ, 1986, p.431, tradução nossa¹⁰).

O jornalismo literário comprometido (ou literatura comprometida) pode ser definido como um texto que busca aproximar o leitor de algum objetivo, seja ele político, social, ideológico, entre outros. Na literatura comprometida o autor quer chamar a atenção do público, utilizando uma linguagem narrativa, para os problemas e injustiças sociais e incentivar a busca por soluções, mostrando que aquele fato abordado no livro influi sobre sua rotina, sua vida e sua sociedade. No Jornalismo Literário Comprometido

... o texto funciona como uma instância transformadora que atua entre os acontecimentos e o leitor: longe de ser um breve relato, objetivo, o leva ao centro do ocorrido, o permite acompanhar ao jornalista [...] que vê de perto a todos e que se sente implicado nos acontecimentos. (AMAR SANCHEZ, 1990, p. 451, tradução nossa¹¹).

Como já foi citado anteriormente, pela visão de Amar Sanchez, Walsh é um exemplo de intelectual latino-americano preocupado com seu tempo, o que fez com que ele utilizasse fatos primeiros, para abordar mais profundamente questões políticas e sociais que interferiram na história da Argentina. Seus livros trazem uma forte apuração de fatos, fontes e dados para embasar seus apontamentos durante o texto, e ele visava sempre esclarecer que mesmo sendo uma obra literária seus livros relatavam fatos reais.

Um exemplo claro é o prólogo do livro *¿Quién mató a Rosendo?* no qual Walsh escreve: “Se alguém quer ler este livro como um simples romance policial, cabe a você. Eu não creio que um episódio tão complexo como o massacre de Avellaneda ocorra por casualidade” (WALSH, 2004, p.9, tradução nossa¹²). É dessa forma que Walsh demonstra ao leitor que os fatos vão muito além de simples acontecimentos, e que fazem parte de uma situação muito maior e mais complexa.

¹⁰ [...] la producción de Rodolfo Walsh se inserta en un proyecto mucho más amplio que el estrictamente literario de construir una clase de novela como respuesta alternativa a un realismo ya desgastado; compromete planos tan abarcadores como es el de la función del intelectual en los países latinoamericanos, la relación que une la práctica literaria con la política [...]

¹¹ [...] el texto funciona como una instancia transformadora que actua entre los sucesos y el lector: lejos de ser un informe escueto, objetivo, lo lleva al centro de lo ocurrido, le permite acompañar al periodista [...] que ve de cerca a todos y que se siente implicado en los acontecimientos.

¹² Si alguien quiere leer este libro como una simple novela policial, es cosa suya. Yo no creo que un episodio tan complejo como la masacre de Avellaneda ocurra por casualidad.

Adoue (2008, p. 53) afirma que os relatos de literatura de testemunho (seja em textos de jornalismo investigativo ou de literatura de não-ficção) fazem parte de “movimentos que tendem a pensar a prática literária como método de conhecimento e luta política” e ela também conclui que ao estudar as três obras de JL de Walsh não se “pode evitar a discussão sobre o testemunho dentro da história literária latino-americana”.

Quando se trata, em particular, de uma literatura que se interessa pelo político, que busca o político, que o incorpora, para mim parece que esse critério é duplamente legítimo, duplamente necessário. Precisamente, quando a literatura faz cargo de alguma questão política, o peso de sua própria forma, o peso de sua própria lógica, de sua própria significação se faz duplamente decisivo. [...] O interessante realmente é quando a literatura pode assumir o material político, o relato político, para obter disso os sentidos que na política não estão (KOHAN, entrevista em vídeo, tradução nossa¹³).

No capítulo a seguir analiso elementos narrativos que considero característicos dessa vertente do JL Comprometido. O que abrange a reflexão sobre as obras de Walsh e a discussão de ele construiu um modelo de estrutura jornalístico-literária e comprometida.

4.2 Recursos narrativos nas obras de Walsh

Por mais que os livros, *¿Quién mató a Rosendo?* e *Caso Satanowsky*, relatem diferentes crimes, eles possuem uma estrutura narrativa muito próxima. Não é possível afirmar que Walsh assim os fez por intenção ou por hábito. Walsh apresenta ricos detalhes para retratar os ambientes em que se passam as histórias. Lembrando que ambiente é um elemento narrativo que retoma não só o espaço físico como o contexto histórico, social, político e até psicológico, tanto do narrador quanto das personagens.

É visível que a contextualização realizada por Walsh possibilita ao leitor compreender o que se passava na Argentina, seja na época do assassinato de Rosendo, seja na época que ocorreu o Caso Satanowsky. Em ambos os livros o autor retoma não só as características sociais e históricas da época, mas sobretudo o momento político pelo qual passava o país. Por exemplo, no livro *¿Quién mató a Rosendo?* Walsh explica a tensão que pairava o governo da época: “...nesses dias o país era sacudido por uma grande batalha. O regime de Illia agonizava. Um dos motores do golpe em marcha era o

¹³ Cuando se trata, en particular, de una literatura que se interesa por lo político, que busca lo político, que lo incorpora, a mí me parece que ese criterio es doblemente legítimo, doblemente necesario; Precisamente cuando la literatura se hace cargo de alguna cuestión política, el peso de su propia forma, el peso de su propia lógica, de su propia significación, se vuelve doblemente decisivo. [...] Lo interesante realmente es cuando la literatura puede hacerse cargo de un material político, de un relato político para obtener esos sentidos que en la política no están.



projeto de reformas da lei da demissão, que o Parlamento havia votado e os trabalhadores apoiavam em massa”. (WALSH, 2004, p. 23, tradução nossa¹⁴)

Uma passagem extraída do livro *Caso Satanowsky* (WALSH, 2012, p. 63, tradução nossa¹⁵) também serve como exemplo: “Para esse dia anunciava-se uma viagem do presidente Aramburu a San Juan. Os partidos entravam na penúltima etapa da campanha pela Constituinte. Os movimentos sindicais ocupavam colunas inteiras [dos jornais]...”.

A ambientação política realizada por Walsh não pode ser vista como simples descrição, pois podemos considerar que é por meio desse resgate do cenário político que o autor proporciona ao leitor a compreensão da relação existente entre a situação política na Argentina e os acontecimentos narrados nos livros, além de permitir que o leitor acompanhe a investigação realizada pelo narrador-repórter e realize suas próprias conclusões. O compromisso do jornalismo de Walsh não ocorre apenas pelo posicionamento do autor diante dos fatos, mas principalmente por ele instigar o leitor a analisar os crimes sobre esse viés político e social.

Outra característica que podemos atribuir aos dois livros de Walsh é a atuação do narrador como repórter e investigador. Observo esse narrador investigador ou detetive como uma herança dos tempos que o argentino escrevia literatura policial. E o narrador repórter aparece nessas obras como um intermediador, entre os fatos pouco esclarecidos e o público. É dessa forma que ao se inserir no texto, como narrador, que o jornalista Walsh descreve o passo a passo da apuração, entrevistas e publicação das informações, processos característicos da produção jornalística.

Perguntei a Imbelloni porque havia se retraído. Respondeu que carecia de apoio sindical e político, não tinha confiança que se fizesse justiça. O preocupava também o caso anterior pendente. Mas ele falaria agora? Sim, agora falaria. Liguei o gravador. O que segue é uma transcrição quase total da fita gravada (WALSH, 2004, p. 111, tradução nossa¹⁶).

O diferencial ocorre no momento que esse narrador/repórter/investigador busca informações que estão além das cedidas por fontes oficiais (representadas nos livros como os grandes jornais, os relatos dos processos judiciais, o governo e outros). Logo, o

¹⁴ ...en esos días el país era sacudido por una gran batalla. El régimen de Illia agonizaba. Uno de los motores del golpe en marcha era o proyecto de reformas a la ley de despido, que el Parlamento había votado y los trabajadores apoyaban en masa.

¹⁵ Para ese día se anunciaba un viaje a San Juan del presidente Aramburu. Los partidos políticos entraban en la penúltima etapa de la campaña por la Constituyente. Los conflictos sindicales ocupaban columnas enteras...

¹⁶ Le pregunté a Imbelloni por qué se había retractado. Respondió que faltó de apoyo sindical y político, no tenía confianza en que se hiciera justicia. Lo preocupaba, además, la causa anterior pendiente. ¿Pero hablaría ahora? Sí, ahora hablaría. Prendí el grabador. Lo que sigue es una transcripción casi total de la cinta grabada.



narrador expõe, investiga, apura, questiona e reapresenta os fatos de acordo com os novos dados levantados.

O JL Comprometido de Walsh se torna visível ao observarmos as fontes que o jornalista acessa para a reconstrução dos fatos. As referidas fontes aparecem nos livros como personagens que auxiliam o narrador-investigador a costurar os fatos e resolver o mistério por trás dos crimes. Conforme foi citado no parágrafo anterior, além das fontes oficiais são inseridas fontes “desconhecidas”, como trabalhadores, sindicalistas, parentes de alguma fonte diretamente relacionada ao fato, colegas de trabalho das vítimas, e até as próprias vítimas. É ao dar voz a essas personagens pouco acessados que podemos perceber o comprometimento do autor, de acessar todos os “n” possíveis lados da história.

E por fim, o tempo nas obras de Walsh surge como um recurso necessário para a conexão passado, presente e futuro. Cabe retomar que as duas obras foram produzidas pelo jornalista pouco tempo após os crimes acontecerem. O tempo nas obras (momento que ocorre a narrativa) é quase que concomitante com o tempo da produção.

A obra *¿Quién mató a Rosendo?*, por exemplo, foi publicada inicialmente por Walsh no formato de notas em 1968, num jornal semanário sindical, e um ano depois, em 1969, as notas foram agrupadas e editadas no formato de livro. Já o crime em si (o assassinato do sindicalista Rosendo García) ocorreu em maio de 1966, apenas dois anos antes do início da publicação da obra. Isso nos permite concluir que Walsh escreveu o livro enquanto o cenário político social que envolvia o crime ainda existia, e durante o desenrolar das investigações.

Os eventos passados (crimes) são explicados conforme a participação do jornalista no presente (investigação e produção da obra) o que provoca alterações e consequências tanto no futuro próximo quanto distante, ou seja, na resolução dos crimes sob a visão do jornalista e na relevância das obras para a atualidade (mais de 45 anos depois da publicação).

5 Considerações finais

Diante do que foi alcançado até agora podemos começar a apontar que as ferramentas narrativas, da forma como são utilizadas por Rodolfo Walsh em suas obras, são sim delineadoras de um *modus operandi* característico do argentino. Concluímos também que essa atuação de Walsh se dá pela união da experiência do autor como literato de ficções policiais e jornalista militante.



Relembramos que ainda será estudado o texto de Walsh sobre o viés de outros elementos narrativos para chegar a uma conclusão concreta e bem fundamentada. Na pesquisa que ainda será realizada serão discutidos os papéis dos personagens recorrentes nas narrativas, a divisão do tempo ficcional das obras sob o olhar do narrador-repórter e dos personagens, além de aprofundar os elementos já abordados no recorte apresentado aqui.

Além disso, abordaremos futuramente nesta pesquisa a relevância do resgate de fatos políticos incógnitos na obra de Walsh, relatados por meio da literatura de não-ficção, para apurar a verdade sobre a história argentina. Além de discutir sobre a função do jornalista como investigador de fatos históricos e fomentador da análise outros possíveis rumos para a história.

Cabe concluir também que essa vertente de Jornalismo Literário Comprometido pode ser atribuída não só a Walsh, mas a outros jornalistas latino-americanos levando em consideração o cenário histórico e social de muitos países latino-americanos entre os anos 1950 e 1980, que em muito se assemelha ao contexto histórico argentino trabalhado por Rodolfo Walsh em suas produções.

Reforço portanto a importância de estudar a obra de Walsh, para que no futuro outros jornalistas latino-americanos de característica comprometida possam ser estudados sobre esse olhar de uma vertente do movimento de jornalismo literário desenvolvida dentro da própria América Latina e consolidada por Rodolfo Walsh.

Referências

ADOUE, S. B. **Rodolfo Walsh, o criptógrafo**. São Paulo, 2008. In: Biblioteca Digital da USP – Teses. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-20032009-170439/pt-br.php>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

AMAR SANCHEZ, A. M. *La Propuesta de una escritura*. In: **Revista Iberoamericana**, vol. LII, nº 135-136, Ed. Abril-Setembro de 1986. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/4213/4381>>. Acesso em: 12 de Abr. de 2015.

AMAR SANCHEZ, A. M. *La ficción del testimonio*. In: **Revista Iberoamericana**, vol LVI, nº 15, Ed. Abril – Junho de 1990. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/4724/4886>>. Acesso em: 12 de Abr. de 2015.



BENETTI, M. [Parte 2, capítulo 1]. LAGO, C; BENETTI, M. (Org.) Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.

COELHO, A. Política externa dos Estados Unidos em relação à América latina na Administração de Harry S. Truman. In: **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual – Unicuritiba**. Curitiba, 1º Volume, 11ª Edição, 2010. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/261>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

DEMÉTRIO, S. R. Por um jornalismo contracultural: linhas de fuga no new journalism. In: Biblioteca **Digital da USP – Teses**, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-23072009-204119/pt-br.php>>. Acesso em: 12 de nov. de 2014.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. Série Princípios, São Paulo: Editora Ática, 1991. Disponível em: <<http://colegiomilitarhugo.g12.br/novosite/usuario/didatico/922add62919935905b2e4c22be73fe6e.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

JOZAMI, E. - Carta abierta de un escritor a la junta militar, Rodolfo Walsh, 24 de marzo de 1977: propuestas para trabajar en el aula - Un comienzo necesario. In: **Serie recursos para el aula**, Buenos Aires, 1ª Ed., 2010. Disponível em: <http://conti.derhuman.jus.gov.ar/_pdf/serie_1_walsh.pdf> Acesso em: 16 dez. 2014.

KOHAN, M. [Entrevista concedida à produção argentina *Canal Encuentro*]. In: Vídeo - *Desde el sur - doscientos años de literatura argentina - literatura y política*. In: *Canal Encuentro*. Disponível em: <http://www.encuentro.gov.ar/sitios/encuentro/programas/ver?rec_id=102070>. Acesso em: 26 abr. 2015.

LAUFER, R; RAPOPORT, M; Os Estados Unidos diante do Brasil e da Argentina: os golpes militares da década de 1960. In: **Revista brasileira de política internacional**, vol.43, nº1, Brasília, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292000000100004>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

MARTIN, G. *Su vida*. In: **Investigaciones Rodolfo Walsh**. Disponível em: <<http://www.rodolfowalsh.org/spip.php?article63>>. Acesso em: 16 de dez de 2014.

PESSA, B. R. Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações. In: 14º **Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**, 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20C3%A9_%20para%20qu%20C3%AA%20%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf>. Acesso em: 12 de nov. de 2014.

RESENDE, F. **Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.



RITTER, E. New journalism: o ponto de convergência entre jornalismo e literatura. In: **INTERCOM - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Londrina, mai 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0202-1.pdf>>. Acesso em: 12 de nov. 2014.

WALSH, R. *Caso Satanowsky* 8 ed. Buenos Aires: La Flor, 2012.

WALSH, R. **Operação Massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WALSH, R. *¿Quién mató a Rosendo?* 10 ed. Buenos Aires: La Flor, 2004.